

“LITERATURA TÉCNICA E DIDÁTICA ANTIGA, INCLUINDO SEUS DESDOBRAMENTOS”

Neste número de 2023, novamente a revista *Phaos* acolhe um dossiê em relação com o âmbito temático-formal da *Literatura técnica e didática antiga, incluindo seus desdobramentos*.¹ Em dois casos – quando referimos as contribuições de Júlia Batista Castilho de Avellar e Matheus Trevizam –, trata-se de trabalhos que resultaram do evento “Segundo Ciclo de Palestras do Grupo ‘Tradução e Estudo da Literatura Técnica e Didática Romana’”, ocorrido em 25 de maio de 2023 na Faculdade de Letras da UFMG (Campus Pampulha, Belo Horizonte/MG).

Assim, o evento que citamos se desenvolveu no âmbito das atividades do Grupo de Pesquisa “Tradução e Estudo etc.”, reconhecido pelo CNPq. e pela Universidade Federal de Minas Gerais e liderado pelos profs. Matheus Trevizam (FALE-UFMG) e Paulo Sérgio de Vasconcellos (IEL-Unicamp).² Os membros desse Grupo, entre docentes do ensino universitário e estudantes-pesquisadores, são oriundos de distintas instituições acadêmicas (UFMG, Unicamp, USP, Unesp – Campus Araraquara –, UFU, UFERSA – Campus Mossoró –, UFES/University of Kentucky).

Além disso, têm-se dedicado a traduzir e estudar, de um ponto de vista literário e filológico, escritos similares àqueles de Catão (*De agri cultura*), Varrão (*Rerum rusticarum libri III*), Virgílio (*Geórgicas*), Columela (*De re rustica*) e Paládio (*Opus agriculturae*), bem como certo poema vulcanológico de autoria obscura, cujo nome é *Aetna* (Era neroniana), e a compilação de textos em grego dita *Geopônicas* (promovida no século X por Constantino VII, imperador de Bizâncio). Destaca-se, nesse sentido, o empreendimento em curso de uma tradução, por membros do Grupo, dos 12 livros da obra *De re rustica*, a qual é o mais detalhado tratado agrícola que a Antiguidade nos legou mas permanece, ainda, inédita em língua portuguesa.

¹ Cf. também edição de 2022 do mesmo periódico.

² Espelho do Grupo de Pesquisa: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/47590>. Acesso em 25 de janeiro de 2024.

Recordamos brevemente a importância literária e cultural de obras técnico-científicas como as mencionadas, as quais aliaram por séculos a perícia dos autores em ramos do saber humano afins à agricultura e à “geologia”, por exemplo, ao pleno domínio da arte da composição escrita. Ademais, os textos greco-latinos em jogo focalizam temas e modos de olhar para a realidade natural e/ou social que se diferenciam das visadas presentes em obras consideradas mais “canônicas” (caso dos grandes textos épico-heroicos, dramáticos, líricos etc.). Justificam-se, então, quaisquer iniciativas que se proponham seriamente a colocar em discussão os escritos técnicos e didáticos da Antiguidade – ou seus desdobramentos –, já pelo diferencial que trazem em termos do contato não previsível com as tradições da Grécia e de Roma Antiga.

Começando pela contribuição a abordar, no dossiê, a obra cronologicamente mais longeva – ou seja, as *Heroides* de Ovídio Nasão –, temos no artigo de nome “Ecologia intertextual, imagens rurais e metapoética nas *Heroides*, de Ovídio”, da autora Júlia Avellar (ILEEL-UFU, Uberlândia/MG), a busca de pontos dessa epistolografia fictícia em que poesia e natureza confluem. Tal tipo de interação entre a correspondência amorosa em pauta e componentes temáticos ligados às plantas, animais, práticas agrícolas etc. é facilitada, segundo explica a estudiosa, por alguns efeitos didáticos contidos nas *Heroides*.

Dessa maneira, junto aos aspectos elegíacos e epistolares encontráveis na mesma coletânea, algumas de suas cartas dialogam fortemente com os ensinamentos amorosos da *Ars amatoria*, obra didática em que a exploração de metáforas ou imagens da natureza já era bastante recorrente, para preceituar sobre o amor. Além disso, a observação de epístolas como a de Fedra a Hipólito, a de Safo a Fáon etc. leva a constatar que Ovídio pôs à disposição de suas heroínas – para tratarem de si e de seus impasses sentimentais – expressões diretamente colhidas nas *Geórgicas* de Virgílio, poema cujo *magisterium* se volta para a exploração agrícola da terra.

O artigo seguinte,³ de minha autoria, focaliza um tratadista técnico da Antiguidade tardia: referimo-nos a Rutílio Tauro Emiliano Paládio, que fecha a longa tradição dos escritos agrários latinos, quase às portas do Medievo. Conforme procurei demonstrar nesta ocasião, Paládio de fato se baseou, do ponto de vista dos conteúdos, em vários agrônomos progressos, mas soube ainda imprimir a marca da própria originalidade à maneira de comunicar seus ensinamentos rurais a um público constituído, é provável, por proprietários de terras como ele mesmo.

³ Título do artigo: “Em que o *magisterium* de Paládio é diferente no *Opus agriculturae*?”

Isso se patenteia pela própria opção de dispor o essencial dos temas técnicos de *Opus agriculturae* internamente ao calendário identificado com os livros II a XIII dessa obra, sendo eles correspondentes aos meses de janeiro-dezembro. Semelhante conformação, inédita na Literatura técnica antiga, acabou por conferir ao tratado o aspecto geral de um “almanaque”, o que tem facilitado muito sua consulta pelos leitores. Também a facilita o despojamento da linguagem paladiana, correta e simples em comparação ao requinte da escrita de Columela, sua principal fonte, bem como, neste caso, a imediatez da abordagem dos assuntos diretamente vegetais (agricultura) e animais (pecuária), não tanto daqueles ligados aos escravos ou ritos religiosos.

Passando ao artigo intitulado “A *bugonia* nas *Geopônicas* 15.2 e o tratamento do material técnico latino”, Liebert de Abreu Muniz (UFERSA – Mossoró/RN) explora como se manifesta uma técnica reprodutiva das abelhas (dita *bugonia* em latim) no livro 15.2 da compilação de textos agrônômicos referida no título. Vale a pena lembrar que, antes de ser retomada nesse contexto, a *bugonia* – a qual se identificava com a geração das larvas daqueles insetos a partir do cadáver de um novilho ritualmente sacrificado – já fora tratada por Varrão, em *Rerum rusticarum libri III*, e por Virgílio, em sua quarta *Geórgica*.

Não “esquecido” desse fato, portanto, o tratadista grego das *Geopônicas* (Cassiano Basso) parece apropriar-se de informações, ou mesmo expressões, oriundas inclusive dos diálogos varronianos e das *Geórgicas*, a fim de oferecer sua própria versão do mecanismo de criação de abelhas que comenta. Nesse processo, recupera traços linguísticos da poesia didática antiga – tais quais o endereçamento em segunda pessoa ao público e a ênfase nos imperativos verbais como forma de dar preceitos –, além do cuidado dos tratadistas em prosa quanto à riqueza do léxico botânico (nomes de ervas propícias à obtenção de néctar etc.).

Na derradeira contribuição compreendida neste dossiê (“Ethos and persuasion in *De rusticis Brasiliae rebus*”), Roberto Gonoring D’Assunção Silva (Universidade Federal do Espírito Santo) e Leni Ribeiro Leite (University of Kentucky) exploram um desdobramento novilatino da poesia didática de Roma Antiga. Assim, na obra citada, o jesuíta luso José Rodrigues de Melo recria de forma brasileira as *Geórgicas* virgilianas, recorrendo, inclusive, ao meio artístico dos hexâmetros em latim. Mas os temas dessa obra, apesar das muitas semelhanças com o antigo, recobrem culturas e paisagens americanas, a exemplo do cultivo da mandioca e da zona da Baía de Guanabara.

A fim de conduzir esse empreendimento literário em conformidade com as diretrizes poético-retóricas de sua época, Melo se serve de ingredientes de fundamental importância na configuração de seu poema didático à maneira geórgica. Entre tais ingredientes, referimos o relevo concedido à *captatio benevolentiae* no proêmio do livro I do *De rusticis Brasiliae rebus*, a presença dos

painéis ilustrativos – como o que descreve o sítio da cidade do Rio de Janeiro –, as modalizações associáveis ao *éthos* do *magister* de agricultura brasílica etc. Também se agregam à face de atualização dessa obra alguns elementos políticos de fins do século XVIII e notas biográficas do poeta novilatino.

Esperamos, com a publicação dos artigos inclusos neste dossiê de *Phaos*, que se possa evidenciar uma vez mais a riqueza temática e a variada elaboração da forma dos escritos técnicos e didáticos antigos, com seus desdobramentos no Medievo e nos Setecentos. Tanto mais meritória se faz tal meta quando notamos, além da qualidade das obras como as enfocadas nas análises aqui contidas, o empenho comum dos pesquisadores por iluminar áreas, sugerimos, menos frequentadas das Literaturas de matriz Clássica, apesar de instigantes e ainda instrutivas, em mais de um sentido.

Matheus Trevizam

(Professor de Língua e Literatura latina – Faculdade de Letras da UFMG)